

Excelentíssimo Senhor Presidente do Tribunal de Contas da União,
Excelentíssimos Senhores Ministros,
Senhor Procurador-Geral
Senhores condecorados,
Autoridades,

Senhoras e Senhores,

Hoje vestimos a toga para festejar a alegria do acerto no julgamento, após criteriosa análise de nomes e instituições a fim de galardoá-los com a comenda maior desta Corte.

Com a mesma exação e rigor com que apreciamos contas, focamos nosso olhar na biografia de ilustres brasileiros e de entidades com assinalados serviços prestados à Nação.

A escolha decorreu da constatação da sua grande contribuição aos diversos campos de atividade, o que os tornou merecedores do nosso aplauso e reconhecimento. São construtores de sonhos, referências de cidadania em meio ao vazio de valores que solapa a sociedade; sacerdotes da devoção às letras, às ciências jurídicas e da saúde, às ciências exatas e à poesia escrita no espaço de curvas e retas na frieza do concreto armado.

Olho a história de cada agraciado e reenergizo minha crença no sol do amanhã, no investimento que ainda devemos à Nação para formação de nosso povo. Renasço na visão messiânica de inocular na grade curricular valores éticos, morais, de pátria, de religião e de família; de sobrepôr os princípios interiores aos da exterioridade pragmática, imediatista, fugidia, que não escreve eternidade nem se imortaliza na história.

Falo para Cícero Sandroni, representante da Academia Brasileira de Letras, e ele nos acena com o exemplo de imortais que escrevem no chão do deserto pátrio o caminho para se alcançar o desenvolvimento através da cultura. É a Casa de Machado de Assis templo das letras pátrias, foz onde deságuam os

saberes diferentes, no dizer de Paulo Freire, altar onde se reza a oração da cultura nacional, debulhada nos terços da literatura. É o espaço privilegiado onde os mortais se imortalizam nas lições que escrevem para os pósteros.

De igual modo, reverencio Djaci Falcão, da mesma cepa e fornada maurícia de Marcos Vilaça, expoente das letras jurídicas, civilista, magistrado que escreveu seu nome nos inúmeros votos prolatados e os inscreveu na história da magistratura brasileira na mais alta Corte do País. Presidiu o Supremo Tribunal Federal e exerceu a cátedra nas Faculdades de Direito das Universidades Federal e Católica de Pernambuco.

A saudade de Otávio Frias, ou "Seu" Frias, como gostava de ser chamado, hoje se faz presente neste Plenário. Sua visão empresarial, seu descortino de vida pública, sua coragem cívica fizeram da Folha de São Paulo um jornal atuante, crítico, às vezes polêmico, mas, sobretudo, independente. É a imprensa veiculando a voz das liberdades, o canto dos oprimidos, o sentimento popular. É a comunicação que informa, que instiga o cidadão a pensar em sua realidade, orienta e contribui para a consolidação do Estado Democrático de Direito.

Lanço minha palavra para Homero Santos, o qual, com sua vocação para servir e dialogar, com a habilidade mineira ímpar na arte de fazer Política, pontificou nos diversos patamares da hierarquia parlamentar exercendo, em vários momentos, a Presidência da Câmara Federal. Advogado e Ministro do Tribunal de Contas da União, veio a contribuir com sua visão para o aprimoramento do controle externo no País.

O que dizer sobre Miguel Srougi depois de tê-lo conhecido em prosa e verso na recitação do Ministro Valmir Campelo? Mestre da medicina, doutor em Urologia pela Universidade de São Paulo, residente da Universidade de Harvard, expressão maior das ciências da saúde, talento posto à sublime missão de qualificar a vida na ressurreição da matéria.

A escolha criteriosa procedida pelo Conselho da Ordem incursionou pelas ciências humanas e agora chega às ciências exatas. De lá, trago Wadjô da Costa Gomide, pioneiro de Brasília, seu Prefeito e primeiro governador, marco referencial da Engenharia. Homem desta região, goiano de nascimento, deixou assinalada sua presença na história da Capital Federal, na construção da cidade satélite do Guará, do Palácio do Buriti e da praça contígua, dentre inúmeras obras, fruto de seu empreendedorismo e visão administrativa.

Hoje reverenciamos sua memória na pessoa de sua esposa Maria Helena Gomide.

Cem anos de lucidez; cem anos de poesia escrita no concreto, na leveza dos traços recitando curvas, na criatividade dos sonhos que enleva a alma e nos eleva ao espaço; cem anos de arte, como a do logotipo que se tomou símbolo dos Tribunais de Contas lusófonos; cem anos do Conjunto da Pampulha em Minas Gerais à sede da ONU, em Nova York; cem anos conduzindo mundo afora, a história da construção de uma das mais arrojadas obras da arquitetura dos últimos tempos - Brasília e seus monumentos -; cem anos de coerência ideológica e firmeza de propósitos; cem anos de vida sem máculas; cem anos de orgulho nacional - Oscar Niemeyer.

Senhor Presidente, senhores Ministros, autoridades presentes,

Emociona a todos nós esta solenidade. Ela se nos apresenta ao mesmo tempo como refrigério d'alma e calor orgânico. Ela nos devolve à face o sorriso da crença na vergonha, a certeza de que a despeito de tudo vale a pena investir na decência, construir atos revestidos de ética, acreditar que está dentro de cada um de nós, pelo exemplo, a construção de uma sociedade justa, solidária, alicerçada na educação, formada na escola da moralidade e da cidadania.

Permitam-me fazer uma reflexão que considero oportuna acerca do momento em que vivemos. Desejo falar sobre Educação enfocando ensino e formação.

Concebeu-se que a simples transmissão de conteúdos teóricos e práticos ao aluno seria fator suficiente para solucionar os graves problemas enfrentados pela Educação. Ocorre que, além da doutrina e da profissionalização, existe algo sem o qual o ser humano não se completa: o processo de formação.

O que se opera no país em termos de formação do povo brasileiro, anos-luz distante está do preconizado por Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Lauro de Oliveira Lima, para citar alguns dos inúmeros educadores pátrios. Reclamavam da necessidade de termos uma escola funcionando em tempo integral, distribuindo os turnos entre ensino e formação.

Para agravar o quadro, a saída da mulher para ingressar no mercado de trabalho criou uma situação nova no processo de orientação da criança. Não se encontrou uma substituta à altura para o papel que desempenhava, quando o pior não aconteceu com a rua sendo a conselheira. Razão tinha João XXIII quando, em sua encíclica *Mater et Magistra*, já alertava para a missão fundamental destinada à mãe e à mestra.

Hoje o País assiste contristado a ausência de cidadania e dos seus valores constitutivos, acarretando desvios de conduta que nos levam à violência, à corrupção e à impunidade.

É chegada a hora de se promover um amplo debate nacional: que povo somos nós, que projetos e sonhos acalantamos, que Nação desejamos para nossos filhos?

Desculpem-me falar de tristezas em instantes de alegria. É que sinto a regra ter se tornado exceção. Vossas Excelências, distintos homenageados, formam este contingente de exceções. Seus nomes devem ser apostos na vitrine a fim de que os exemplos de cidadania consigam reverter a situação atual, fazendo com que aquilo que temos hoje como exceção volte a ser a regra.

Convidado pelo ínclito Presidente Walton Alencar Rodrigues para falar em nome de meus pares, uma vez que, alçado à Presidência da Corte, não mais poderia desincumbir-se da missão que lhe fora delegada, ensejou acender em meu interior a chama da esperança, apagada tantas vezes ao examinar processos que deprimem e ao ler manchetes da imprensa que envergonham.

Sinto-me honrado em expressar, assim espero, o pensar dos que integram este Colegiado, santuário sagrado de minha devoção.

Obrigado senhores agraciados, por tudo o que são, por nos mostrar estradas e portos de chegada. Obrigado por nos inocular de coragem ao vencer o desânimo, um dia tão bem demonstrado na "Oração aos Moços", por Ruy Barbosa.

Hoje necessitamos repetir Arthur Miller: "Evite a tentação de pensar que tudo aquilo que não dá lucro é desprovido de valor".

E acrescento que o lucro está na satisfação de nossas carências espirituais, na certeza de que ninguém será porque tem, mas de que o que possui é fruto do que se é.

Autoridades, Agraciados,

A humanidade investiu forte na ciência e na tecnologia. Criou artefatos, máquinas as mais diversas, pesquisou a vida e a morte. Conseguiu avanços inimagináveis. Sentiu-se auto-suficiente. Começou a perceber a solidão em meio aos seus inventos. Enclausurou-se entre robôs e comunicações virtuais. Esqueceu-se de que a essência da vida está no amor. É para esse mundo, senhoras e senhores, que os homenageados com suas estórias de vida, me permitem concluir com as palavras de Albert Einstein:

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor...

Lembre-se:

Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas, se escolher o amor, com ele conquistará o mundo.”